



Rec
Apr
Editor F

Método de Avaliação:

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE VELHICE E POTENCIAL CRIATIVO

YARASARRATH ALVIM PIRES DO CARMO LYRA
CLAUDIO REJANE ALVES DOS ANJOS

EIXO: 16. ARTE, EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

RESUMO

Este trabalho refere-se a uma pesquisa desenvolvida entre professores de teatro do Instituto Federal da Bahia e da Educação do Estado da Bahia. Trata-se da produção de um contexto crítico-reflexivo, no qual se cruzam dois grandes temas: Velhice e Potencial Criativo. Sobre o primeiro tema, são considerados os estudos de representações e lugares específicos da faixa etária, em diálogo com as ideias de Simone Beauvoir, entre outros autores. Em relação ao segundo tema, aborda-se o Potencial Criativo a partir das ideias de Fayga Ostrower e Rollo May, fazendo-se aproximações com o grupo etário estudado. A partir deste estudo pode-se afirmar que o homem necessita criar para estar e sentir-se vivo, independentemente de formação e social ou mesmo faixa etária. Assim, a criatividade e os processos artísticos que se desenvolvem a partir desta são inseparáveis da vida humana como totalidade espaço-temporal.

Palavras-Chave: Velhice. Potencial Criativo. Teatro Educação.

ABSTRACT

This work refers to a research developed between teachers of theater of the Instituto Federal da Bahia and the Secretaria de Educação do Estado da Bahia. It is the production of a critical-reflexive context, in which two great themes are crossed: Oldness and Creative Potential. Regarding the first theme, the study of representations and specific places of education in this age group, in dialogue with the ideas of Simone Beauvoir, among others, are considered. In relation to the second theme, the Creative Potential is approached from the ideas of Fayga Ostrower and Rollo May, making approximations with the studied age group. From this study it can be affirmed that a man needs to create to be and to feel alive, regardless of school formation, social position or even age group. Thus, creative and artistic processes that develop from it are inseparable from human life as a totality of time and space.

Keywords: Old age. Creative Potential. Theater Education.

[...] O ato criativo origina-se na luta do ser humano contra e ao mesmo tempo limita.

(Rollo May, 1975).

Em *Representações Sociais sobre Velhice e Potencial Criativo*, apresentamos compreensões sobre as representações da velhice, seu papel material e simbólico, argumentos quanto às relações de aprendizagem e de ensino de velhos e acerca do potencial criativo deste grupo etário. Tomamos como referência: Beauvoir (1990), Ariès (1981), Freire e Nogueira (2007), May (1975), Soares (2002), o Estatuto do Idoso (2003) e dados do IBGE (2002), dentre outras fontes.

Sobre a Velhice

A velhice, na pré-história, era uma raridade. Mesmo no século XVII, apenas 1% da população mundial alcançava idades avançadas. Segundo Beauvoir (1990), na Grécia antiga, pessoas acima de 56 anos eram consideradas velhas. Tempos à Idade Média, a velhice continuou desconhecida. Até o fim do século XV, toda literatura existente quase se resumia à higiene.

No século XVI, na Suíça, para o médico Paracelso (1493-1541), o ser humano é um composto químico, e a velhice é uma autointoxicação (BEAUVOIR, 1990). Observa-se uma conotação pejorativa da velhice, ao mesmo tempo uma aceitação e tal aceitação, marcada no termo *auto*, próprio.

Em meados do século XIX e, principalmente, no século XX, ocorreu uma explosão das pesquisas na área médica, que deu início ao estudo das doenças da velhice e também a medicina preventiva ocupou o lugar da terapêutica.

Conforme o panorama da evolução demográfica mundial, apresentado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística entre os anos 1927 a 1960, o número de habitantes chegou ao limite de três bilhões. Desde então, a população mundial cresceu substancialmente e atingiu, atualmente, um pouco mais de sete bilhões. Calcula-se que a população idosa no Brasil nos próximos 20 anos a cifra de 30 milhões de pessoas, cerca de 13% de todo o conjunto (IBGE, 2002). Diante deste contexto ganha tona a discussão sobre o envelhecimento como uma questão social.

A demanda social de atenção à população idosa e da promoção de uma velhice saudável obriga a assunção de uma definição de saúde. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera o mais completo bem-estar físico, psíquico, social e espiritual restringindo à ausência de doenças, portanto pertencente ao paradigma de saúde preventiva (BARCHIFONTAINE, 2005); no Brasil, sofre sérias restrições práticas por conta da grave desigualdade socioeconômica, que compromete a saúde pública.

A produção textual científica e as construções sociais definem os indivíduos de faixa etária elevada como velhos, idosos, senis, decrepitos, maduros, entre outras expressões. Estas criações terminológicas e despreocupadas são usadas para designar a população dentro de um contexto social, o qual designa um grupo etário. Mas para fins conceituais e legais, a Lei nº 10.741 instituiu a Política Nacional do Idoso, em seu Art. 2º, declara "idoso" como uma pessoa maior de sessenta anos de idade. A determinação foi recepcionada pela Lei n.º 10.741/2003, ou Estatuto do Idoso, e conforme IBGE (2002) equivale à definição da Organização Mundial de Saúde para países em desenvolvimento.

Desta forma, faz-se importante que todas as instâncias sociais se comprometam e garantam a realização dos direitos previstos neste Estatuto, mas em outras Declarações, Artigos e Leis, como manifesta o Estatuto do Idoso (2003):

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Compreende-se que haja também uma interação das diversas esferas sociais, uma vez que ações fomentadas pelo poder público são insuficientes, ou seja, é dever da população fazer valer o cumprimento dos direitos em proveito de um envelhecimento saudável.

A velhice tem particularidades ímpares que a diferenciam dos demais estágios etários humanos. Singular, porque o envelhecimento é constante. As mudanças, tanto morfológicas quanto psicológicas, fisiopatológicas e funcionais ocorrem progressivamente e afetam as capacidades de harmonização ao meio em que se vive. Surgem as variadas fragilidades, com maior resistência imunológica e maior propensão a patologias que podem levar à morte.

Assim, uma velhice saudável, como declara Anita Neri (2004) em seu livro *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e culturais*, é um entendimento mais abrangente e adequado ao conjunto de fatores que formam o dia a dia do idoso. Para Neri (2004) a velhice é um anseio ancestral do homem. A necessidade de manter a preservação das atividades, a produtividade e os papéis sociais de um adulto caminham paralelamente com a defesa da saúde física e cognitiva e a sustentação da autonomia. Desta maneira, como afirma Christianne Gomes (2010):

Não basta simplesmente "ocupar" o tempo livre. Em busca de proporcionar alegria, satisfação e aprendizado para a população idosa e a inserção social, deve-se pensar em atividades criativas por meio de um lazer que colabore para ressignificar, de forma construtiva, o tempo livre.

parcela crescente da sociedade. Para que isso seja possível é preciso investir na formação de pessoas por meio de uma interação com pessoas idosas, construam coletivamente atividades com realidade, necessidade, e interesses dos mesmos. (GOMES, 2010, p. 61).

O Estatuto do Idoso (2003) é o resultado de uma ampla discussão política, mas não basta apenas leis que de preocupação, é preciso que existam práticas públicas e uma mudança cultural efetivas voltadas para a melhoria da qualidade de vida dessa parcela da população.

Velhice e Educação

Pensar na conexão velhice e educação parece incomum e para muitos é um prejuízo (RAMOS, 2001). Tradicionalmente, na sociedade, a vivência escolar está dirigida à infância e à juventude. A moderna sociedade industrial exigia inovação, educação pedagógica, o qual tinha como principal finalidade ensinar e formar futuros trabalhadores da indústria. Com essas fases da vida eram direcionadas a este modo de educação (ARIËS, 1981).

No contexto nacional, este plano educacional não incluía os velhos. Ao processo produtivo, não interessava pessoas trabalhadoras em vias de se aposentar ou aposentadas, pois o empenho destinava-se às crianças e jovens que pudessem prover fecundo e duradouro. Em alguma medida, este modelo explica a marcante inexistência de projetos educacionais especialmente ao público idoso. Mas a necessidade de preparar minimamente os trabalhadores operários, oriundos do setor que surgisse, posteriormente, na sociedade industrializada, a conhecida educação de adultos.

No período pós-guerra, em 1947, o governo brasileiro lançou a 1ª Campanha de Educação de Adultos, com a ideia de aproximadamente três meses. Esta Campanha aconteceu porque acreditavam que o motivo da pobreza estava no analfabetismo, ou seja, a causa do subdesenvolvimento brasileiro eram os altos números de pessoas analfabetas. Mas, o fato fizeram a 1ª Campanha ser lançada: após a Segunda Guerra Mundial, a ONU propôs uma sucessão de orientações estava a necessidade de alfabetizar os adultos. Outro motivo é que o Brasil entrava num novo processo de redemocratização e carecia de um maior conjunto de eleitores (SOARES, 2002).

A 1ª Campanha, apesar do insucesso, semeou bons resultados, no que se refere à ideia de desconstrução de preconceitos sobre a educação de adultos. Deu-se início a um processo de movimentação nacional no sentido de promover não apenas sobre a educação de jovens e adultos. Ao final da década de 1950 e início dos anos 1960, um novo olhar apareceu acerca do analfabetismo, eclodiu uma nova pedagogia para a educação de adultos, fundada em novo paradigma. Nasceu a compreensão entre a problemática educacional e a social, a qual tinha como principal expoente teórico e prático o pensamento de Paulo Freire (SOARES, 2002).

Na percepção de Freire (2009), a partir de um exame crítico da realidade social dos educandos, e através da educação o processo educativo deveria interferir na estrutura social, que produzia o analfabetismo. O reconhecimento e a expansão do pensamento de Freire sobre a educação popular ganharam proporção nacional. O Governo, em 1963, confiou-lhe o desenvolvimento e a implementação de um Programa Nacional de Alfabetização de Adultos. Não obstante, em 1964, ocorreu o Golpe Militar, e este trabalho de Freire foi interrompido, pois era encarado como uma ameaça à ordem instalada.

Neste período em que Freire foi exilado, o Governo instalou propostas assistencialistas e conservadoras para combater o analfabetismo, criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Este se expandiu por volta dos anos 1970, objetivo era a alfabetização funcional, em outras palavras, a obtenção de um conjunto de conhecimentos muito simples de leitura e escrita, para indivíduos de 15 a 30 anos, ou seja, o público idoso continuava na zona de desfavorecimento. Ainda hoje a opção educacional dedicada à população “fora da idade escolar” é a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a qual está prevista na LDB (Lei 9.394/96). Em nenhum momento, refere-se à velhice, compreende-a apenas como idade adulta, sem nenhuma especificidade. Neste sentido, foi criado em 2003, sete anos depois da LDB, o Estatuto do Idoso, o qual vem assegurar o acesso do idoso à educação. Porém, distante da realidade social nacional, o Estatuto do Idoso não se faz cumprido, e mesmo assim pouco conhecido.

Vale ressaltar que o segmento EJA é bastante heterogêneo, atualmente encontra-se uma variedade etária entre jovens e velhos. Cada vez mais cedo, jovens, muitos adolescentes, matriculam-se no noturno por motivos variados, de ordem econômica e cultural. Outro dado relevante difere o EJA rural do urbano, uma vez que no primeiro há uma predominância de idosos e no segundo urbana existe um equilíbrio entre as faixas etárias.

Conforme dados do IBGE (2002), a maior parte da população brasileira analfabeta é formada por indivíduos idosos e ad avançada, especificamente os afro-descendentes e negros, mulheres e indígenas. O Instituto Nacional de Pesquisa (INEP) relata no Mapa do analfabetismo no Brasil (2003), que o contingente de não alfabetizados (48,7%) localiza-se entre idosos e pessoas com idade igual ou maior a 50 anos. A partir destas informações, é possível traçar um comparativo etárias e observar que os idosos necessitam ser assistidos por políticas públicas educacionais efetivas para evitar exclusão educacional (PERES, 2010).

Nota-se que o caminho traçado pelas fases escolares considera como meta final o ingresso à faculdade, instante em que uma escolha da carreira profissional. Este momento marca claramente a relação entre trabalho e educação, ou mais educacional/profissional. Dentro desta lógica, pergunta-se: por que alfabetizar o idoso? Será que o idoso analfabeto precisa de alguma coisa? A partir deste entendimento funcional da educação é possível inserir o idoso. Quais seriam as perspectivas para o idoso que já é alfabetizado? Estas são questões difíceis, para as quais não encontramos respostas conclusivas. Permanece como desafio para a nossa experiência de arte-educadores que se inicia e se solidariza com o esforço dos educadores com maior vivência.

Velhice e Potencial Criativo

De acordo com Fayga Ostrower (2007), o homem é um ser criativo. Seu potencial criativo e a realização deste fazem necessidades. As potencialidades e os processos criativos não se restringem apenas ao campo artístico, embora, esta seja a área de maior amplitude emocional e intelectual. O ato criativo exige a integração humana do agir e viver, criar e viver.

Os processos criativos aqui considerados serão a partir da compreensão de Ostrower (2007), a qual interliga estes ao social e cultural, tendo como premissa para a criação a percepção consciente. A autora acolhe que, contemporaneamente, o indivíduo é manipulado, massificado e que se o modo de vida de uma pessoa se encontra de maneira racionalista e reducionista, será capaz de criar.

O ato criador, para Ostrower (2007), ocorre a partir de processos intuitivos e conscientes, que abrangem as capacidades de compreender, relacionar e ordenar. Isto afigura quando o homem age, imagina, sonha, deseja numa relação íntima que com sua experiência de vida, dando-lhes significados. Nesta investigação, por ordenar e relacionar os significados, o homem encontra mais profunda motivação para criar, dar uma forma.

Para Ostrower (2007, p. 9), “criar é basicamente formar, é poder dar forma a algo novo”. Esta autora concebe o ato criador, o qual estabelece relacionamentos com o universo interior e exterior a ele. E mesmo ao criar se recria, num sistema de transformações radicais, inovador, que provoca as limitações e a passividade. Assim, o potencial formador nos idosos encontra riqueza de suas memórias e do seu imaginário, que pode concorrer para a criação de um produto poético.

As formas estão por toda parte, a percepção e relação destas não sucedem de maneira involuntária, causal, está diretamente com o indivíduo, uma vez que se trata de uma projeção de ordem interior. Ainda que ocorram desdobramentos da percepção, a coerência, infere-se que existe uma lógica própria. O homem forma/cria, na medida em que é incitado, como ser consciente da vida (OSTROWER, 2007).

A capacidade humana de inovar respostas frente a desafios envolve a coragem criativa. Para Rollo May (1975), a habilidade do homem em seguir em frente, enfrentar o desespero, superar a apatia exterior e escutar o eu interior, a criatividade é a descoberta de novas formas, novos símbolos, novos padrões segundo os quais uma nova sociedade pode ser criada (MAY, 1975, p. 19).

Nesta perspectiva, a criatividade é a característica mais vasta do ser humano, pois compreende diversas qualidades, como ideias raras, solucionar problemas de modo incomum, utilizar objetos e situações de maneira não costumeira, criar possibilidades frente aos desafios. É inerente à criatividade humana a capacidade de renovação, mudança e transformação. A potencialidade exige flexibilidade, pois se tolhida em suas possibilidades, pode gerar repetição e endurecimento.

Considerações Finais

Assim, pontuamos que quando na vida cotidiana a ausência de perspectivas se torna latente, ocorre um enrijecimento da criação qualificado pela repetição de modelos já existentes e limitações para o novo. Conformismo e inflexibilidade são

que podem ter origem em estímulos inovadores sufocados na história de cada um. Estes problemas tornam-se mais velhice, uma vez que nesta fase da vida as pessoas sofrem pela falta de estímulos e oportunidades. A tentativa de processos criativos em arte, pode suavizar e até mesmo eliminar possíveis sentimentos de estagnação ou conformismo proporcionando a estes indivíduos novas expectativas e aprendizagem como possibilidades de vida.

Logo, a arte apresenta aspectos revolucionários que podem proporcionar mudanças e transformações em toda vida, durante a velhice, uma vez que criar não é apenas uma forma de relaxamento e lazer, mas também representa a intensificação da vitalidade interior. O fazer artístico, independente da arte, propõe, através de formas harmoniosas, a conexão entre sentimento e sentimento entre diferentes pessoas, provocando sensações e prazer estético.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a criatividade e os processos artísticos que se desenvolvem a partir desta são vida humana como totalidade espaço-temporal. Independentemente de formação escolar, posição social ou mesmo homem necessita criar para estar e sentir-se vivo.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARCILONA, Christian de Paul de. *Saúde pública é bioética* São Paulo: Papyrus, 2005. p. 5-17.

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

ESTATUTO DO IDOSO. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Disponível em:

<http://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/inclusao-social-e-equidade/acessibilidade/legislacao-pdf/Lei>
Acesso em: 03 ago. 2017.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. *Que fazer: teoria e prática em educação popular*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GOMES, Christianne; PINHEIRO, Marcos; LACERDA, Leonardo. *Lazer, turismo e inclusão social: intervenção com* Horizonte: UFMG, 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil: 2000-2002*.

IBGE: população brasileira envelhece em ritmo acelerado. Disponível em: . Acesso em: 03 ago. 2016.

MAY, Rollo. *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

NERI, Anita Liberanesso; YASSUDA, Mônica S. (Org.). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas p. 7-29.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2007.

PERES, Marcos Augusto de Castro. A Educação de Jovens e Adultos e o Analfabetismo na Velhice: os idosos educacionais. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.38, p. 225-236, 2010.

RAMOS, Marise. *A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação* São Paulo: Cortez, 2001.

